



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

## O LUGAR E A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NOS MAPAS MENTAIS

David dos Santos da Conceição

Mestrando em Geografia (UFES)

davidgeopro@gmail.com.br

### Resumo

O presente trabalho propõe uma breve reflexão acerca da educação geográfica considerando a importância do reconhecimento da multiplicidade do lugar a partir da produção e interpretação de mapas mentais elaborados pelos alunos. Pensamos que estes materiais podem orientar a análise das subjetivações e as formas como elas se apresentam no espaço escolar, assim como suas imbricações no que concerne a questão da autonomia, cidadania e a imaginação geográfica. Considerando o método, utilizamos a contribuição que o Método Cartográfico nos traz de acordo com a ideia de que o lugar nunca está acabado, mas sim em processo, em permanente devir. Para tanto, trabalhamos com o aporte teórico de Doreen Massey reafirmando a concepção de lugar como múltiplo, aberto ao movimento e ao encontro enquanto possibilidade para produzir uma imaginação geográfica do mundo.

**Palavras Chave:** Lugar; Educação Geográfica; Mapas Mentais; Imaginação Geográfica.

### INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de uma intervenção inicial para uma pesquisa maior em andamento realizada no âmbito do mestrado acadêmico em curso no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo.

Realizamos uma revisão de literatura sobre os conceitos de lugar e mapas mentais visando investigar a construção de uma imaginação geográfica e como ela se apresenta a partir da produção das imagens na escola. Partimos da questão em torno de quais relações existem entre o que contribui para formar a imaginação geográfica dos estudantes na escola pública e como estas mesmas estariam ocorrendo a partir da atuação de poderes locais, situações vivenciadas no lugar e o uso de imagens no cotidiano. Apesar do crescimento de certos padrões imagéticos que em muitos casos mostram o mundo como clichês, acreditamos que tais situações podem corroborar para interpretações ou visões de mundo, limitadas por um viés conservador que organiza os lugares, sobretudo a escola, de modo fechado numa inclusão precária à cultura e ao conhecimento.

Neste sentido, estudamos quais ligações há entre a formação da subjetivação, lugar e a ideia de que estão acontecendo fenômenos ligados a contradições e conflitos na escola pública advindos dos processos da percepção, do sentido que o lugar representa e do questionamento do papel que os estudantes assumem nos diversos encontros que realizam. Tais conflitos e contradições estariam a organizar os lugares a partir da escola, segundo uma lógica que afirma



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

interesses políticos e espaciais traduzidos em localismos que pretendem manter o *status quo* para uma inclusão precária na cidade dos jovens estudantes negando seu protagonismo enquanto praticantes do processo participativo, bem como o acesso pleno à cultura como saber e os bens e serviços essenciais.

## DESENVOLVIMENTO

A ideia de uma cultura de discurso único, de aspecto hermético, que atribui às mentes uma imaginação sobre o mundo particularizada, produz uma carga de sentidos que podem criar lógicas de comportamento ligadas ao individualismo, ao reprodutivismo, ao egoísmo e, no limite, a violência. Contudo, tal lógica de pensamento arraigada em um lugar aponta para a articulação às relações de poder que Massey (2017) coloca enquanto uma das geometrias de poder hegemônicas das quais o mundo é construído e que precisamos conhecer para então propor outras geometrias de poder que possam apontar para a garantia da realização de uma vida condigna nos lugares.

Em consonância com Massey (2017), compreendemos, em sentido oposto ao particularismo de certos localismos reacionários, que a multiplicidade de encontros e experiências nos lugares produz múltiplas imagens do mundo que dialogam com a abertura para um pensamento autônomo e crítico que sustente uma leitura da realidade emancipatória e que reafirme o reconhecimento da diferença. Tais aberturas podem estar presentes e ser expressas a partir da composição dos mapas mentais.



Mapa mental da aluna 1 – Fonte: Arquivo do autor







VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Partimos da compreensão e estudo dos mapas mentais enquanto linguagem que apresenta uma imagem construída pela nossa imaginação geográfica de como são as coisas e lugares que podem nos indicar pistas sobre o lugar que está sendo vivenciado. Desta forma aproximamos o mapa mental ao que Girardi (2020, p. 71) propõe: “[...] imagem cartográfica como um nó de rizoma”, isto é, olhar em volta e viver o movimento enquanto novas descobertas, colocar a imagem cartográfica como abertura e não como fixidez.

Richter (2011) apresenta o mapa mental como a construção de uma expressão gráfica mais livre em que um aluno pode apresentar num mapa mental suas interpretações a respeito de um lugar. Entendido enquanto expressão mais livre da apresentação e compreensão da realidade de um lugar é que os mapas mentais podem se constituir em aberturas para questionar o que está dado, o que existe e o que pode vir a ser múltiplo no encontro entre o que se sabe sobre o mundo.

## CONCLUSÕES

O caminho teórico que destacamos em acordo com a experiência educacional apresentada aponta para a compreensão de lugar consubstanciado à reflexão que se afasta das proposições de lugar fixo, imutável, fechado. Afirmamos o lugar enquanto relacional, fruto do entrelaçamento de trajetórias que podem dar o sentido de múltiplas estórias que acontecem simultaneamente e se cruzam produzindo reflexos que se espalham. Assim, refletindo sobre o caráter da multiplicidade que está em nossa concepção atual de mundo, entendemos que a sobreposição de temporalidades (trajetórias) talvez abra caminho para muitos sentidos e formas de experiências de lugar, e por suposto, também para a formação de múltiplas estórias diferentes daquelas contadas oficialmente. O lugar sendo esses conjuntos de estórias e encontros no espaço geográfico representa a existência da multiplicidade na convivência dos povos.

## REFERÊNCIAS

- DESIDERIO, R. de T. Composições de Fotoáfricas: experimentações na educação geográfica. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 7-18, jul./dez. 2018.
- GIRARDI, G. Cartografias (in/im)possíveis: O Ilha. **Punto Sur**, Buenos Aires, n. 2, p. 64-74, jan./jun. 2020.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção do cartógrafo. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- MASSEY, D. A mente geográfica. **Revista GEOgrafia**, Niterói, v. 19, n. 40, maio/ago. 2017.



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. de. A Cartografia como método de pesquisa intervenção. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de geografia**: concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura acadêmica, 2011.